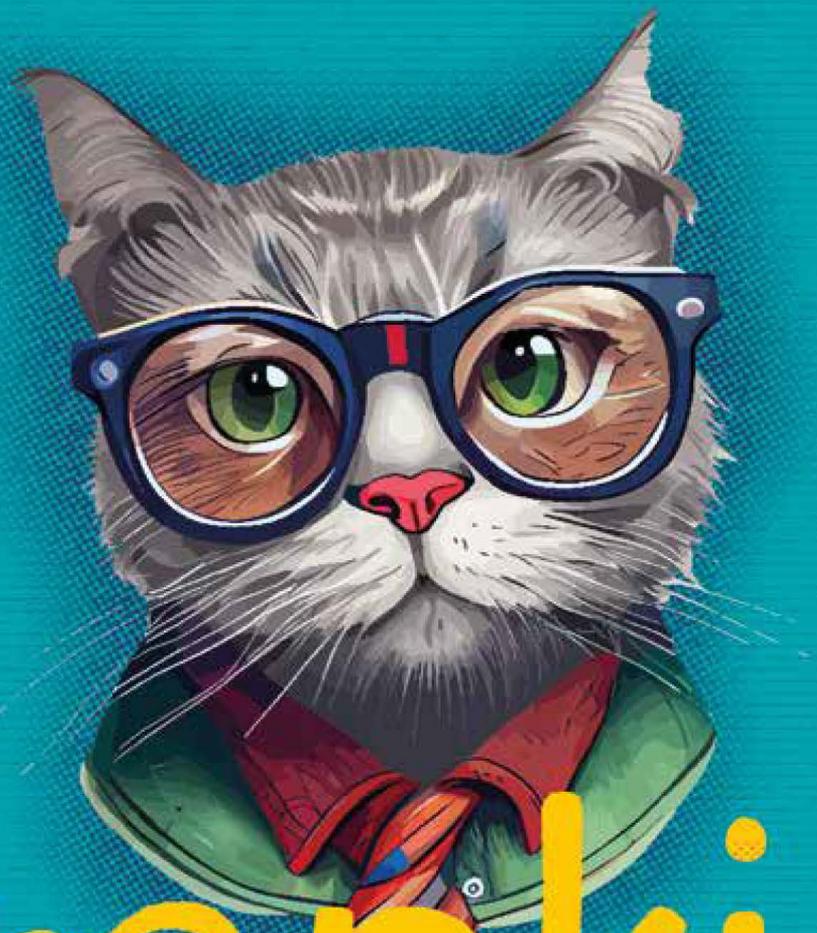


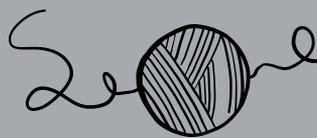
JOCHEN GUTSCH
MAXIM LEO



Frankie

Um homem desiludido. Um gato procurando um lar.
Uma história comovente sobre
UMA AMIZADE EXTRAORDINÁRIA.

FRANKIE



**JOCHEN GUTSCH
MAXIM LEO**

Frankie

Um homem desiludido. Um gato procurando um lar.
Uma história comovente sobre
UMA AMIZADE EXTRAORDINÁRIA.

Tradução: SAULO KRIEGER



1

O FIO



Alguém me disse que histórias começam do começo. Do início. Mas eu sou um gato e não sei nada de começos e inícios. Os seres humanos têm um monte de regras sobre como tudo deve ser na vida. Faça isso, faça aquilo! Ah, fala sério! Que chato. Cansativo. Isso não é para mim. Então eu vou começar por uma parte qualquer. Talvez, por acaso, pelo começo. Ou pelo início.

Era a época boa do ano, e com isso eu quero dizer que as noites eram quentinhas e claras, e as abelhas zumbiam entre as tílias. Foi numa noite dessas que eu quis dar um pulo na casa do professor. Depois eu conto sobre ele, não vem ao caso agora.

Eu estava indo pelo Caminho Longo, que atravessa o vilarejo. Passei pelo lago, com a grama alta, e comi alguns gafanhotos. O bom dos gafanhotos é que eles nunca reclamam quando são comidos. Ao contrário dos pássaros. Os pássaros sempre fazem aquele dramalhão. “Não me coma! Eu sou mãe! Tenho dez filhos no ninho!” Exageram horrores. Mas eu sou cabeça-dura, e toda vez é a mesma coisa: lá estou eu com um passarinho na boca me sentindo mal por um tempo.

Passei pela igreja do vilarejo, pela casinha de passarinho apodrecida, pelo xixi fedorento daquele gordo do Heinz (um rottweiler) e por dois montes de estrume — onde, aliás, não tinha nada de muito bom, nem de mais ou

menos bom, apenas borra de café, casca de ovo, casca de batata, casca de maçã. Fica a dica para vocês, humanos: jogar um monte de esterco só com umas cascas parece coisa de gente mão de vaca.

Passei pelo montão de areia que marca o início da floresta, e depois dali o mundo acaba. Eu estava de bom humor, tateando, bem tranquilo, andando de boqueira sob a luz da noite, passei no meio de uma cerca velha de madeira, até que cheguei ao jardim da casa abandonada. Todo mundo a chama de *casa abandonada* porque as pessoas da cidade que passavam o verão ali um belo dia não vieram mais.

Há cortinas em todas as janelas fechadas, e no inverno o vento sopra uivando pela casa abandonada. O gordo do Heinz, que é um belo de um otário, diz que um bando de lobisomens mora ali.

Agora escuta isso! Eu estava terminando de passar pela casa abandonada, quando vi que tinha um homem lá. Dentro da casa abandonada! O susto foi tão grande que corri na hora para trás de um arbusto, morrendo de medo. Aí eu me sentei e pensei: *Que merda, Frankie. E agora?*

O que eu queria mesmo era voltar correndo e contar o que aconteceu para todo mundo que eu conheço. Mas aí é claro que começaria todo aquele interrogatório: como era o homem, Frankie? Ele tinha cheiro de quê, Frankie? O que o homem tinha para comer, Frankie? Tem certeza de que não era um lobisomem, Frankie?

Uma casa abandonada que de repente deixa de ser abandonada suscita muitas perguntas. Todo mundo quer saber os detalhes. Como ninguém sabe nada, a gente fica lá parado com cara de bobo.

Então eu fiz o que qualquer bom gato faria numa situação dessa: fiquei espiando por trás do arbusto.

E escutando.

Espiando.

Escutando.

Espiando.

E passou um tempão. Vou dar uma resumida porque não estava acontecendo nada.

Escutei.

Espiei.

E assim por diante.

Então fui andando de mansinho mais para perto, na maciota, mirei a janela grande a alguns rabos de gato de distância e levantei os detalhes.

Detalhe 1: havia mesmo um homem lá dentro.

Detalhe 2: ele estava de pé numa cadeira.

Detalhe 3: tinha um fio pendurado do teto do quarto.

Detalhe 4: o fio prendia o homem pelo pescoço.

Detalhe 5: complementando o detalhe 4, o fio era bem grosso.

Fala sério! Eu nunca tinha visto um fio magnífico como aquele. Eu adoro fios, vocês devem imaginar. Quando eu ainda morava com a velha dona Berkowitz, nós brincávamos quase todos os dias com um fio. Nunca um humano se enrolava no fio, os ratos às vezes sim — não ratos de verdade, mas de lã, mesmo que os humanos pensem que nós, gatos, achamos que é de verdade. Mas não achamos. Não somos burros.

Quando eu vi aquele fio incrível, de repente pensei na velha dona Berkowitz e na melhor época da minha vida — que não durou muito, pois a velha dona Berkowitz um dia apareceu caída no jardim, e logo depois vieram dois homens vestidos de branco e empurraram a velha dona Berkowitz para dentro de um carro com luzes piscando no teto. Eu nunca mais a vi.

Essa lembrança fez meu coração doer um pouquinho, e o que eu mais queria agora era gritar para o homem: “Ei, você aí! Você que está brincando com o fio! Esse fio maravilhoso! Posso brincar também?”.

Mas eu não podia.

A coisa então se passou assim: eu juntei toda a minha coragem, pulei no peitoril da janela e olhei para dentro. O homem estava de pé numa cadeira,

o fio em volta do pescoço. Ele me viu e ficou me olhando, surpreso. Mas não era uma surpresa boa, era um olhar de raiva. Abriu e fechou a boca feito uma carpa e disse algo para mim que eu não entendi, porque ele estava atrás do vidro e eu estava na frente.

Comecei a piscar. E aqui vai uma informação importante para vocês, humanos: quando um gato pisca, é quase como se estivesse sorrindo. Piscar significa: tudo em cima. Estou de bom humor. E aí? Então eu comecei a piscar como um louco na frente da janela, mas o homem continuava com cara de idiota, que nem o gordo do Heinz, e não sacou nada.

O que ele fez foi abanar os braços na minha direção. Eu levantei a pata direita para sinalizar: “Ei, tá tudo bem! Eu entendo você”. Mas, para ser sincero, os gestos dele eram sinistros. Então eu comecei a lamber o meio das minhas pernas para me acalmar, porque eu estava morrendo de nervoso e nem sabia: *E agora, Frankie?*

E de repente tudo aconteceu muito rápido. O homem soltou o fio, pulou da cadeira, a porta da casa abandonada se abriu. O homem berrou. Saltei da janela. Ele pegou alguma coisa e arremessou na minha direção. Eu saí correndo, mas as minhas patas estavam bambas pelo susto. Ai, ai! Eu vi uma sombra se aproximando. Algo voou por trás de mim e acertou a minha cabeça.

A partir daí, não me lembro de mais nada.

A primeira coisa que eu tornei a ouvir foi o vento, que me sussurrava algo. Tentei ouvir bem atentamente, mas não entendia o vento. Estava deitado no gramado na frente da casa abandonada. Estava morto de cansaço e nem me mexia. Quase não conseguia abrir os olhos. E o vento sussurrava e sussurrava, até que eu notei que não era o vento coisa nenhuma. Era o homem, que estava na minha frente, curvado para baixo, e falava comigo. O homem me cutucava com o pé, como se eu fosse um rato morto ou coisa assim. Ele dizia:

— Tudo bem aí?

Era uma pergunta bem idiota, já que evidentemente não estava tudo bem comigo. Eu estava muito cansado e voltei a pegar no sono.

Quando acordei de novo, no início eu nem sabia quem eu era. Estava bem enjoado e espiei com todo o cuidado em volta, mas por pouco tempo. Vi aquele fio magnífico pendendo do teto e aí me lembrei de tudo. Eu estava *dentro* da casa abandonada! Estava deitado num sofá, se é que vocês querem saber, e debaixo de mim tinha um papel, talvez um jornal velho ou coisa que o valha. Vi o homem, que agora estava sentado na minha frente numa poltrona. Ele segurava um pequeno telefone junto da orelha e falava com alguém, agitado. Com quem, eu não tinha ideia. Mas posso dizer com certeza que ele falava sobre mim.

O homem dizia ao telefone:

— Tem uma gata morta aqui. Vocês podem vir? Sim, parece que a gata está morta mesmo. Mas eu não sou veterinário. Por isso estou ligando. Não, a gata não é minha! Escuta, eu não sei de quem é a maldita gata. Como é a gata? E isso lá importa? Ela é normal e fedida como qualquer gato! Rajada de cinza, meio sarnenta, com um pedaço da orelha faltando. Não, eu não sei como foi que ela morreu! Sim, encontrei a gata no meu jardim. Ouçam... Tá bem, meu endereço é... Não, a gata...

— Eussumgatomacho! — eu disse.

É claro que isso não foi inteligente. O professor, que vocês ainda vão conhecer, sempre dizia que eu tinha de ser mais inteligente na vida ou teria uma série de problemas.

Mas eu estava simplesmente puto. Primeiro que quase fui assassinado, e depois esse ser humano ficava o tempo todo me chamando de gata,* ainda que eu seja perfeitamente macho!

* O mal-entendido, se é que se pode chamar assim, deve-se ao fato de em alemão o substantivo mais usual para “gato”, “Katze”, ser feminino, “die Katze”. Se se quiser ressaltar tratar-se de um gato macho, deve-se dizer “Kater” (“der Kater”, “o gato [macho]”), embora “Kater” se use também para “gato” em geral. O homem se refere a Frankie pelo substantivo genérico feminino (“die Katze”), para o desgosto do gato. Por essa razão, na tradução o mal-entendido teve de ser construído de outra forma. (N. T.)

— Quê? — disse o homem.

— Eusoumgatomacho!

Meu humanês estava um pouco... *lesado*? Minha cabeça também, por causa da coisa que havia sido atirada em mim. Eu tinha de repetir as palavras o tempo todo até que conseguisse dizer um “a” que fosse:

— Eu sou um gato macho!

O homem ficou me olhando assustado, como se eu fosse um monstro.

Minha experiência: quando um gato diz alguma coisa, a reação dos humanos é muito esquisita. Sempre! Por isso já faz tempo que eu nem falo mais nada. A última vez foi na loja do vilarejo. Uma mulher deixou cair alguma coisa da sacola de compras, e eu disse pra ela: “Olá, senhora, isso aqui não são seus sacos de aspirador de pó?”.

E a mulher saiu correndo e gritando. Por toda a rua inteira do vilarejo. Que idiota!

Humanês é muito fácil. A primeira palavra que eu falei foi “neve”. E daí fui aprendendo outras. Lá no abrigo de animais, muitos bichos falavam humanês, a velha dona Berkowitz falava humanês e a tv dela também falava humanês.

No começo eu falava humanês melhor que gatês.

Hoje eu sei falar umas dez línguas. O que não é muito. O professor fala 27 línguas, até o caprinês, que quase ninguém sabe, além das cabras. Lógico. Sem línguas, a gente na condição de gato está perdido na vida, e eu posso dizer a vocês o porquê: biodiversidade. Por toda parte a gente encontra outros bichos que falam outras línguas, e nem todos a gente pode comer ou rasgar no meio ou jogar pra lá e pra cá até morrerem. Então a gente tem que falar. É assim que as coisas são. Eu não estou inventando. Por exemplo, andando pela floresta, encontro uma coruja grandona sentada. Ela fica sentada o dia inteiro num galho, com os olhos estalados. Quando eu encontro a corujona, digo algo bem simpático em corujês:

— Ei, coruja! Comé que vai?

E ela:

— Indo.

E eu:

— É, indo. Fique de orelha em pé, coruja!

E ela:

— Tá bom, Frankie!

Estão vendo? Até mesmo com uma coruja, que fica o dia inteiro sentada num galho, dá para ter uma conversa boa. Os únicos que ficam esquisitos quando eu falo são os humanos.

O homem continuava me encarando, de boca aberta. Estava morto de medo, eu sentia o cheiro. Ele estava pensando, dava para ver. E eu pensei comigo: *Bico fechado, Frankie*. Agora é esperar. Isso deixa qualquer ser humano louco. Porque ele se pergunta: “Será que estou ficando maluco? O gato falou *mesmo*? É possível uma coisa dessa? Não estou batendo bem da cabeça?”.

O homem ficou me observando um tempão. Como não acontecia nada e eu não dizia nada, ele voltou a se recostar na poltrona, aliviado, e fechou a boca. Balançou a cabeça, sorriu e disse:

— Ah, que bobagem.

Aí eu disse:

— Não é bobagem nenhuma!

Isso acabou com ele. Mas acabou mesmo! A cara dele ficou branca como o traseiro de uma corça.

Eu curti um pouquinho. Na verdade, mais do que um pouquinho. Porque é muito melhor quando os humanos respeitam a gente. Senão, a gente nunca está seguro com eles, e eles chutam ou jogam coisas na gente. Pois agora o homem mostrava respeito.

Um respeito sem fim.

Depois de um tempo considerável, o homem disse:

— VOCÊ FALA?

Eu pensei: *Parabéns. Muito perspicaz.*

Ele falava comigo bem alto e devagar. Uma vez, eu e a velha dona Berkowitz vimos um filme que mostrava homens sentados em volta de uma fogueira falando com outros homens, que estavam com a cara pintada e usavam coroas de penas. Era bem assim. Os homens falavam com os homens de penas na cabeça como se fossem completos imbecis.

O homem disse:

— EU. RICHARD. GOLD.

E bateu no peito enquanto falava.

Achei estranho, mas também engraçado, então eu também bati no meu peito e disse:

— EU. FRANKIE.

O homem:

— SUA CABEÇA. DÓI? AI?

Eu:

— SIM. AI, AI!

O homem:

— EU. SINTO. MUITO.

Aí parecia que o homem não sabia o que dizer. Estendeu cuidadosamente a sua pata e a colocou rapidinho na minha pata. Ele disse:

— NÃO TENHA. MEDO.

Isso eu achei fofo. E como ele já estava sendo fofo, pensei, a gente poderia finalmente falar sobre o que importava.

Eu:

— COMER? FOME!

Apontei para a minha barriga e para a minha boca.

O homem:

— COMER? VOCÊ QUER? VOU PEGAR COMIDA!

E essas foram, para mim, as primeiras palavras sensatas que o homem, o tal Richard Gold, tinha dito.

2

FRANKIE BOY



Para que vocês não fiquem em dúvida: daqui pra frente vou chamar o homem, que se chamava Richard Gold, simplesmente de Gold. Motivo: é mais curto e soa melhor. Esta história ainda vai levar um tempinho, e eu não quero que tenha um personagem chamado Richard. Ele não tem culpa de se chamar assim, mas esse nome é uma bela bosta.

Com nomes que são uma bosta, eu estou bem acostumado. Minha mãe me chamou de Número 5. Meus irmãos se chamavam Número 1, Número 2, Número 3, Número 4, Número 6 e Número 8. Nenhum se chamava Número 7 porque o 7, assim dizia a minha mãe, dá muito azar. Por isso o Número 7 oficialmente se chamava Número 8, mas não oficialmente era o Número 7, e seu apelido era 78.

Mais tarde, quando eu estava morando no abrigo de animais, os humanos passaram a me chamar de Barba de Leite por causa do meu queixo branco. E daí também acabou o respeito. Todos os bichos passaram a rir de mim e do meu nome. Barba de Leite! Até mesmo o pequinês anão da baia do lado, aquele que parecia um amontoado do que sobrou de outros bichos, ria de mim.

Um belo dia, uma família com crianças veio me buscar, e eles me deram um nome novo: Herbert. Por vezes era também Herr Bert.* Tudo eles achavam engraçado e fofo, e eu só pensava: *Por que vocês são tão desalmados?*

* Tem-se aqui um trocadilho intraduzível, já que “Herr” em alemão é “senhor”, com “Herr Bert”, portanto, significando “Senhor Bert”. (N. T.)

As crianças eram as piores. Seguravam o isqueiro perto do meu rabo, só por diversão, ou me jogavam de lá pra cá feito uma bola e gritavam: “Voa, Herr Bert!”. Até que, por medo, acabei cravando as unhas de fora a fora no rosto de uma das crianças. E fiz de novo. Foi um troço sanguinolento. E depois disso fui parar de novo no abrigo.

E novamente passei a me chamar Barba de Leite.

Quando eu já estava achando que meu nome seria Barba de Leite para o resto da vida, a velha dona Berkowitz apareceu um dia na frente da minha baia. Ela olhou para mim, fez carinho na minha cabeça e disse: “Barba de Leite? Esse é seu nome? Puta merda!”. Ela era uma senhora requintada, mas seu palavreado nem tanto.

Se eu hoje por vezes tenho um palavreado pouco requintado, saibam que não é culpa minha. Foi um equívoco pedagógico na minha educação.

A velha dona Berkowitz me levou com ela. Ficou em casa alguns dias pensando sobre um nome para mim e enquanto isso ouvia muita música. De um homem dos Estados Unidos, que ela chamava de Frankie Boy Sinatra. Esse Frankie Boy cantava bem, ainda que não tão bem quanto um sabiá-laranjeira. Mas para um humano estava ótimo. Seja como for, a velha dona Berkowitz me disse:

— *Frankie*. Você gosta desse nome?

E eu pensei: *Uau!* E quase desmaiei de entusiasmo. Depois saí correndo pelo vilarejo, gritando pra todo mundo:

— Eu sou o Frankie! Tenho o nome do Frankie Boy dos Estados Unidos!

Agora vocês sabem como foi que eu cheguei ao meu belo nome. Mas não era isso que eu queria contar.

O que eu queria contar era uma coisa completamente diferente, mas acabei me desviando um pouco do assunto. Por isso eu sempre digo para mim mesmo: não perca o foco quando está contando alguma coisa, Frankie! Acontece que não é fácil. Até porque eu não sei direito o que é um foco. Quer dizer, mais ou menos eu até sei. Mas não exatamente. Só sei que é uma coisa que a gente não pode perder. Então, onde eu estava mesmo?

Eu estava deitado no sofá da casa abandonada e ouvi o homem, que agora vou chamar apenas de Gold, andando pela casa.

Portas batiam. Pelo visto, ele tinha escondido comida em tudo o que é lugar. E só de pensar em comida, eu já estava ficando louco. Desde aqueles gafanhotos e umas pontas de linguiça velha que encontrei numa lata de lixo, eu não tinha botado mais nada no estômago. Mas eu estava no maior cagaço, claro. Eu não conhecia o Gold. Não conhecia a casa abandonada. Só que eu também estava muito curioso, então pulei do sofá e dei uma olhada ao redor.

Eu ainda estava com as patas trêmulas e levei um enorme susto porque tinha outro gato ali. Meu rabo se eriçou feito uma vassoura velha, eu rosnei e aí aconteceu algo estranho. O gato se parecia comigo. Só que era preto. Foi então que eu saquei: eu estava diante de uma tv imensa olhando assustado para a tela.

Eu já tinha visto algumas tvs, mas aquela ali era tão grande que parecia ocupar a parede inteira. Puta merda!

Eu adoro assistir tv. Sobretudo quando aparece bicho. O que eu mais gosto de ver são filmes de bicho sobre pinguins que ficam perto de um buraco no gelo, no meio de uma tempestade de neve, esperando uma eternidade por um peixe. Eu simplesmente não entendo os pinguins, mas alguma vez na vida eu gostaria de falar com um. Sobre como é a vida deles.

Quando os humanos aparecem em filmes é muito chato, porque na tv os humanos fazem quase sempre a mesma coisa: dão fim em outros humanos. De todas as formas imagináveis. Não sei por quê, ainda mais que eles nunca comem os humanos que ficam lá estirados.

Só de pensar em passar todas as noites deitado no sofá com o controle remoto na pata, eu já fico cansado. Mas no bom sentido.

Perambulando pela casa, eu só via livro que não acabava mais. Por toda parte havia estantes com livros. Se querem saber, livros são uma besteira só. Certa vez fui olhar dentro de um deles, mas só tinha uma porção de palavras e nada mais, e eu bocejava que era uma doideira. Mesmo assim eu nunca tinha visto uma casa tão boa. Tinha janelas com peitoris largos, como se

tivessem sido construídas para um gato que gosta de ficar ali, espiando e dormindo. O que me chamou a atenção, enquanto eu passeava e farejava por ali, foi o cheiro. Não tinha aquele cheiro de rato podre ou do mijo do gordo do Heinz, se é que vocês estão achando isso. Tinha cheiro de... algo triste. Como se fosse uma velha toca de raposa onde já não mora mais ninguém. Eu não sei se vocês já olharam dentro de uma velha toca de raposa onde já não mora mais ninguém, mas lá o ambiente não é bom, tudo cheira a passado, a despedida e aos anos felizes da raposa, que não voltam mais.

Ali estava bem parecido com isso.

Subi uma escada. Encontrei mais quartos e mais livros. Mas tinha também uma cama grande, e pulei direto nela. Foi automático. Fiquei pisando que nem louco no cobertor macio, pisa daqui, pisa dali, e aí comecei a ronronar, o que também foi automático.

Nem lembro quando foi a última vez que me deitei numa cama. Mas posso contar para vocês onde eu moro. Atrás do vilarejo, bem no final do Caminho Longo, tem um pequeno monte com uma cerca em volta. Lá os humanos jogam fora tudo o que não querem mais. Pneus de carro, cadeiras, rádios, meias velhas e coisas assim. Vocês não acreditariam no tanto de coisas de que os humanos precisam para viver! São loucos por aparelhos, entopem a casa com eles. Quando a casa fica cheia, jogam fora alguns aparelhos velhos e trazem novos. O professor, que vocês ainda vão conhecer, acha que é por causa da *civilização*. Porque os humanos são *civilizados* e nós, bichos, não. E quem é civilizado precisa de um monte de aparelhos para impressionar os outros humanos e mostrar o quão civilizado é. Isso na prática é como uma horda de gorilas em que todos batem no peito como se fosse um tambor e se fazem de importantes. Seja como for, fico muito feliz com o fato de os humanos serem tão civilizados e por terem construído para mim um monte tão bonito. Nunca tive nenhum aparelho na vida, fora o pequeno lenço no meu pescoço. Foi a velha dona Berkowitz que me deu, e eu o uso como uma lembrança dela.

Mas eu queria contar para vocês onde eu moro. Bem lá em cima, no topo do monte, onde estão os muitos aparelhos dos humanos, tem uma banheira

enferrujada, inclinada em uma pedra grande, com os pés apontando para o céu. Eu moro lá. Ou melhor: lá embaixo dela.

Quando a gente mora no topo de um monte, a gente fica numa boa. Por causa da vista. Mas às vezes é ruim também. Por causa dos guaxinins, que ficam zanzando furtivamente à noite com aquele focinho aguçado e me deixam morrendo de medo. No inverno eu fico agachado lá bem no fundo, na borda da banheira, naquele chão duro como gelo. Enfio a cabeça entre as patas, deixo o rabo pertinho do corpo, minha bunda de gato magrinha fica tremendo de frio e sonho que estou numa das casas fumegantes do vilarejo lá de baixo. Por isso eu nem conseguia acreditar que estava deitado numa cama.

Bom, mas aí eu fiquei pensando. Gold talvez fosse um babaca, sem dúvida. Mas acho que não seria um babaca muito perigoso. E ele estava com a consciência pesada. E ele tinha um fio magnífico. E um montão de comida. E a maior tv do mundo. E uma cama supermacia. E tudo isso numa casa só.

Agora somem todas essas vantagens e tirem suas conclusões com a mente sagaz de vocês.

Isso mesmo. É como ganhar na loteria!

Pois é, assim eu ia pensando. Até que o Gold voltou para casa.

— Olá?

— Tô aqui em cima — respondi.

— Ah... EU... COMER... CONSERVAS...

Eu não estava entendendo nada e corri pra baixo. Gold estava na cozinha.

— EU PROCUREI. POR TODA PARTE. MAS...

Aí eu finalmente perdi a paciência.

— Vamos, já está tudo bem... Agora fale comigo como se eu fosse gente!

O que tem pra comer?

Gold ficou me olhando espantado e de novo a boca dele começou a ficar branca, até que disse:

— Só achei isso aqui. — E colocou dois vidros de conserva e uma lata em cima da mesa da cozinha.

Logo vi que as duas conservas e a lata eram uma porcaria. Porque nas conservas tinha uns dedos verdes e grossos, que Gold chamou de “pepinos condimentados”. E na lata tinha uns anéis amarelos com um furo no meio.

— Abacaxi — disse Gold, e segurou na minha frente um anel amarelo. — É uma... hm... fruta doce, exótica, do sul. Da América Latina, por exemplo. Ou África. O abacaxi cresce em arbustos, não em árvores.

Foi aí que eu reparei numa coisa. Gold falava de um jeito estranho. Que nem um cisne. Os cisnes também ficam falando bobagens que não interessam a ninguém. Uma vez eu cheguei para um cisne que estava sentado num lago e disse: “Ei, cisne! Que que tá rolando?”, e o cisne garantiu: “Ora, eu não rolo. Eu nado. Mas obrigado por perguntar, caro senhor Frankie! Hoje está bom para nadar, a água está boa, quase morna, e bem no meio do lago tem uma ondulação que traz para a superfície água fria lá de baixo, minha mulher sempre diz...”. E coisa e tal, tal e coisa. Conversa fiada. Papo de comadre. Por isso que ninguém gosta de falar com cisnes. Porque são convencidos.

— Você tem carne aí? — perguntei.

Gold fez que não com a cabeça.

— Ou linguiça? Um pedacinho de queijo, pelo menos? Gosto do emmental.

Gold fez que não com a cabeça.

— Algo que tenha a ver com coalhada? Um pouco de nata? Não? Leite, quem sabe?

— Não tenho nada pra comer! Sinto muito. Eu daria se tivesse, é claro. Tudo. É que fazia um tempão que eu não vinha pra esta casa. Desde que Linda, um ano atrás... ahm... pois é. E eu também não comprei nada, porque... ahm, é que... pra quê?

Então ele apontou para cima, para o fio. Sinceramente, não entendi o que Gold quis dizer. Além do mais: nada para comer. Apenas dedos verdes e anéis com furo.

Então eu comi um anel com furo, que tinha um gosto doce, bem doce, como aquele que tem atrás da orelha de um rato. Só que pior.

Quando eu acabei de comer, Gold abriu a porta e disse:

— Então, eu gostaria que agora você fosse pra sua casa, enfim...

Ignorei a porta. Passei por Gold enquanto me dirigia à sala, pulei de novo no sofá, me estiquei e disse:

— Você tem tv a cabo? Gosta de filme de bicho?

Constatei que, infelizmente, não tinha tv a cabo.

— tv gigante, mas sem canais pagos?

— Cancelaram — disse Gold. Ele ficou ainda um instante indeciso dando uma volta pela cozinha e então foi para a sala com uma garrafa na mão e se sentou na poltrona à minha frente. Ali estávamos nós.

Gold não dizia nada. Apenas olhava fixamente para o fio e franzia a testa, como se estivesse pensando. Eu também não dizia nada, já que não sabia o que dizer. Ou melhor, não sabia como.

Eu não tinha a menor ideia de como conversar de verdade com um ser humano. Até ali eu só tinha ouvido humanos falando. Aí me deu um estalo: estou habituado a primeiro cheirar a criatura por um tempo antes de engatar uma conversa com ela. É uma coisa cultural. Por exemplo, se encontro um cachorro ou outro gato que não é agressivo nem está cheio de sarna ou pulgas, nós nos farejamos mutuamente. Primeiro com cuidado. Depois enfiamos o nariz em todo lugar. É isso mesmo: em todo lugar.

Assim descobrimos um monte de coisas: idade, onde mora, fraquezas de caráter e por aí vai. Aconteceu desse modo também com o meu amigo, o professor, que vocês ainda vão conhecer. Foi assim: nariz dentro, na frente, atrás e assim por diante. Quando afastamos o nariz de novo, ficou claro: a coisa tava rolando!

Com os humanos a coisa é bem diferente. Seja como for, eu nunca vi como enfiar o nariz neles. Por isso é tão complicado engatar uma conversa com os humanos. Minha opinião.

Gold não disse mais nada. Só ficou bebendo a garrafa. Algo que parecia água, mas que não tinha cheiro de água. Lá fora já estava escuro, a sala inteira se encheu de silêncio, e com o tempo isso me pareceu um problema, um problema de estado de ânimo. Sobretudo porque, de fato, agora morávamos juntos. De repente eu pensei em pular no colo de Gold e deixar o meu traseiro na cara dele, para ele cheirar. Como uma proposta de conversa. Mas então de súbito eu disse alguma coisa. As palavras simplesmente caíram do meu focinho.

— Você conhece o Flipper?

Gold olhou para mim de um jeito, como se eu tivesse feito cocô no tapete.

— Quê?

— Flipper. É um golfinho muito inteligente que ajuda as pessoas. Na tv. Gosto de assistir. Só que não acredito.

— No quê? No que você não acredita?

— Bem, eu só não acredito que um golfinho seja tão inteligente. Na verdade, eu só conheço carpas. Do lago daqui. Também é peixe, um pequeno golfinho, portanto. E elas não são inteligentes. Você conhece alguma carpa inteligente? Ou algum golfinho?

Esse foi um tema muito bom para a conversa. Ninguém pode dizer que não.

— Diferentemente das carpas, os golfinhos não são peixes — disse Gold.

— Golfinhos são mamíferos. Assim como as baleias.

Então ele se calou de novo por um bom tempo. Bebeu a garrafa. Devia estar com uma sede daquelas! E como eu já imaginava sobre conversas com humanos — barbaridade! —, o que Gold disse depois, do nada, não tinha nada a ver com o assunto:

— Você conhece a Lassie?

E eu:

— Claro, cara!

E ele:

— A Lassie, puxa vida! Quando era criança eu sempre quis ter um cachorro como ela. Collie! Maravilhosa! Eu era louco pela Lassie.

Aí o papo deslanchou. Do Flipper e da Lassie passamos para o porquinho Babe. Depois para o Comissário Rex. E para Kermit, o sapo. King Kong, Bambi, Mister Ed, Garfield e pinguins em geral, até que chegamos à pergunta: por que a abelha Maia é tão irritante?

— Todas as abelhas são espertalhonas? — perguntou Gold.

— A maioria — respondi.

Gold sabia muitas coisas interessantes sobre bichos famosos. Mas também muitas coisas desinteressantes. Ele começou a falar sobre os animais na literatura e perguntava se eu conhecia uma tal de Moby Dick, um Gato Murr e uns ursos pouco inteligentes, Looh ou Booh ou Pooh. O problema era também que estava cada vez mais difícil entender o que Gold falava. A garrafa estava vazia, e ele falava como se tivesse uma bola de sebo na boca. Por fim, com dificuldade, Gold se inclinou para a frente na poltrona, sua cabeça pendia, senti o cheiro do que tinha na garrafa.

— Frankie, preciso perguntar de novo. Mas é sério! Estou ficando louco? É sério!

E eu:

— Que nada. Quer dizer. Acho que não.

E ele:

— Aí está a prova! Quando a gente pergunta para um gato se a gente está louco e ele responde, é porque a gente está louco! Aí está a prova!

Gold não disse mais nada. Apenas continuou largado, triste, na poltrona. Enfim seus olhos se fecharam e ele começou a roncar feito uma alcateia de lobos. Mesmo assim, foi uma boa conversa.

Subi de mansinho a escada para o quarto que tinha a cama supermacia e me aninhei nela. Mas eu estava muito agitado e pulei no parapeito da janela. Vi a lua lá fora, o seu brilho sobre o pequeno monte com a minha banheira velha no topo, e pensei: *Frankie, você é louco de pedra. Ninguém vai acreditar em nada disso. Nem você acredita.*